



**MÓNICA JAIME DO
ROSÁRIO ZACARIAS**

**O tratamento do espaço e do tempo em narrativas
de tradição oral na escola primária completa de
Machoca (Cabo Delgado-Moçambique)**



**MÓNICA JAIME DO
ROSÁRIO ZACARIAS**

**O tratamento do espaço e do tempo em narrativas de
tradição oral na escola primária completa de Machoca
(Cabo Delgado-Moçambique)**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

O júri

Presidente

Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutora Virgínia Bazzeti Boechat

Doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo
Pós-doutoranda em Literatura na Universidade de Aveiro (arguente)

Doutor Nobre Roque dos Santos

Reitor da Universidade Zambeze (Moçambique)

Doutor António Manuel dos Santos Ferreira

Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador)

Agradecimentos

Manifesto os sinceros e cordiais sentimentos de gratidão:

Ao meu orientador, Prof. Doutor António Manuel Ferreira, que acompanhou todo o processo de pesquisa científica desta minha tese;

À Reitoria, à direcção, aos professores, aos colegas, e ao pessoal de apoio que sempre me acolheram e me educaram para um caminho digno da vida; porque sem eles não seria possível a realização deste trabalho;

À minha família que, em momentos difíceis, esteve sempre presente ao meu lado com calor e carinho, transmitindo-me ensinamentos para a formação de um homem integral.

Palavras-chave

Narrativa de tradição oral, categoria narrativa, espaço e tempo.

Resumo

Na prática escolar, há problemas na análise de textos literários. Os alunos da 7ª classe da Escola Primária Completa de Machoca, no Distrito de Namuno, Província de Cabo Delgado, não identificam facilmente as marcas de localização temporal e espacial em contos. Os resultados da pesquisa permitem notar que, apesar de os alunos serem capazes de identificar as marcas espaço-temporais em narrativas de tradição oral, ainda denotam algumas dificuldades, na medida em que os que dominam totalmente correspondem a uma percentagem bastante irrisória. Diante desta realidade, julga-se ser importante a multiplicação de estratégias didáticas que levem a que as crianças tenham um processo de ensino-aprendizagem significativo, ou seja, que façam com que elas participem na construção do seu saber, ainda que seja a passo de camaleão.

Devido à fraca formação psicopedagógica de alguns Professores, não há uma administração correcta dos conteúdos emanados centralmente, ou seja, programados pelo Ministério da Educação. Esta fraca formação pode traduzir-se na falta de exercício de aplicação sobre a leitura e interpretação de textos narrativos para o treino dos alunos, principalmente para os que têm o português como língua segunda. Aos factores que dificultam a administração correcta dos conteúdos, agregam-se as seguintes situações: falta de dedicação do professor durante a transmissão dos conteúdos aos seus alunos; elevado número de alunos nas turmas; tipo de transição de classe do antigo currículo; transição semi-automática de classe no novo currículo do Ensino Básico.

O trabalho propõe modelos específicos para a exploração do *espaço* e do *tempo*, os quais podem levar os alunos a melhorarem o seu desempenho.

Keywords

Oral Narrative Tradition, Narrative Category, Space and Time.

Abstract

In school practice, there are problems in the analysis of literary texts. Students of 7th class of Complete Primary School Machoca in Namuno District in Cabo Delgado Province, not easily identify brands temporal and spatial location in tales. The results of the study allow to note that while the students are able to identify the spatio-temporal marks on oral tradition narratives also denote some difficulties, in that the totally dominating correspond to a very negligible percentage. Given this reality, it is considered the multiplication of educational strategies that take the children to have a process of meaningful teaching and learning, ie, that causes them to participate in the construction of their knowledge, even if it is a step to be important chameleon.

Due to weak psychoeducational training of some teachers, there is not a proper administration of centrally originating content, ie, programmed by the Ministry of Education. This poor training can result in the lack of implementation exercise on the reading and interpretation of narrative texts for the training of students, especially for those who have Portuguese as their second language. The factors that hamper the proper administration of the contents, add the following situations: lack of dedication of the teacher during the transmission of content to their students; high number of students in classes; type of transition from the old class curriculum; semi-automatic transition of class in the new curriculum for Basic Education.

The paper proposes specific models for the exploration of space and time, which may lead students to improve their performance.

ÍNDICE

LISTA DE QUADROS	1
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	3
1. Motivação para o Estudo	3
2. Problematização.....	3
3. Delimitação do Objecto de Estudo	4
4. Objectivos da Pesquisa	4
5. Relevância do Tema para o Estudo	4
6. Estrutura da dissertação	5
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
1. Narrativas de Tradição Oral	6
1.1. O Conto Popular como Narrativa de Tradição Oral	10
1.2. Categorias da Narrativa: O espaço e o tempo.....	12
1.2.1. O Espaço.....	12
1.2.2. O Tempo	14
2. Tratamento do Espaço e do Tempo em Narrativas de Tradição Oral	20
2.1. Subjectividade do espaço em Narrativas de Tradição Oral	22
2.2. Eternização do tempo em Narrativas de Tradição Oral.....	22
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE PESQUISA	23
1. Métodos e Técnicas de Pesquisa	23
1.1. Métodos de pesquisa e de recolha de dados	23
1.2. Técnicas de recolha e análise de dados.....	24
1.3. Tipo de amostragem.....	24
2. Procedimentos de Recolha de Dados.....	25
2. 1. Recolha de Dados e Constituição da Amostra.....	25
2. 2. Perfil Sociolinguístico dos Informantes.....	25
2. 3. Caracterização e aplicação do inquérito	26
2.4. Codificação dos dados	27
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
1. Análise de Dados	28
2. Discussão de Resultados.....	29
CAPÍTULO V – ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM.....	32
CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	35
1. Conclusões.....	35
2. Recomendações	36

BIBLIOGRAFIA	36
AfriMAP, e Open Society Initiative for Southern Africa. <i>Moçambique: a prestação efectiva de serviços públicos no sector da educação</i> . Joanesburgo: Open Society, 2012. < http://www.afrimap.org/english/images/report/AfriMAP_Mocambique_Educ_main_PT.pdf >	36
Aguiar e Silva, Vítor Manuel de. <i>Teoria da Literatura</i> . 8ª ed. Coimbra: Edições Almedina, 2009.....	37
ANEXOS	39
ANEXO 1 – Inquérito	39
ANEXO 2 – Texto «A Menina Bonita»	40
ANEXO 3 – Resultados Gerais do Estudo por Informante	42
ANEXO 4 – Texto «As Habilidades do Mestre Coelho».....	43
ANEXO 5 – Guia de Correção das Actividades de Aprendizagem	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil Sociolinguístico dos Informantes

Quadro 2 – Resultados Gerais do Estudo

Quadro 3 – Resultados sobre o nível de conhecimento do espaço e do tempo

Quadro 4 – Resultados do Estudo por Categoria Narrativa

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O presente capítulo está reservado para apresentar (i) a motivação para o estudo do tema, (ii) o problema da investigação, (iii) a delimitação do objecto de estudo, (iv) os objectivos da pesquisa, (v) a relevância do tema de estudo e (vi) a estrutura da dissertação. Deste modo, é fácil notar que esta parte do estudo compreende seis secções.

1. Motivação para o Estudo

A experiência profissional acumulada ao longo de vários anos de docência, por parte da autora deste trabalho, fez com que esta se apercebesse que, em Moçambique, o ensino básico enfrenta alguns desafios, concretamente na abordagem de determinados conteúdos da disciplina de Português/7^a classe. Trata-se do facto de estarem a ser negligenciadas algumas das categorias narrativas em Narrativas de Tradição Oral o *espaço* e o *tempo*.

Para ilustrar esta situação, basta dizer que, das 33 questões exclusivamente destinadas à compreensão textual ao longo do livro de Português já referido, apenas 4 se reportam à localização espaço-temporal, sendo que uma delas é geral, ou seja, refere-se a todas as categorias narrativas existentes no texto das páginas 93 e 94 ("Identifica os elementos desta narrativa") (Muhate *et al.*). Este facto constitui a grande motivação para a concretização da presente pesquisa, cujo objectivo geral visa valorizar o espaço e o tempo nas aulas de Português da 7^a classe ao abordar as narrativas de tradição oral na Escola Primária Completa de Machoca.

2. Problematização

Em Moçambique, a formação do professor, a vários níveis (fundamentalmente no ensino básico), tem vindo a ser fraca, por vezes, devido ao facto de os critérios da sua avaliação se basearem em esquemas de corrupção. Esta prática é de domínio de quase todos os actores do Sistema Nacional de Educação (AfriMAP & OSISA) e promove uma baixa qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Mosse e Cortez).

A questão da fraca formação acima assinalada pode fazer com que o professor alvo não consiga adoptar estratégias didácticas alternativas para enfrentar os desafios impostos

pela ausência de determinadas orientações metodológicas em certos manuais alocados às escolas do país.

Desta constatação, decorre a seguinte pergunta de partida: *Será que a valorização do espaço e do tempo nas aulas de Português pode ajudar os alunos da 7ª classe da Escola Primária Completa de Machoca a superarem as suas dificuldades na identificação das marcas de espaço e tempo nas narrativas de tradição oral?*

3. Delimitação do Objecto de Estudo

O Posto Administrativo de Machoca, localizado no distrito de Namuno, é o território onde se encontra o objecto de estudo desta pesquisa: Escola Primária Completa de Machoca.

4. Objectivos da Pesquisa

O propósito da presente pesquisa consiste em valorizar o espaço e o tempo nas aulas de Português ao serem abordadas as narrativas de tradição oral com os alunos da 7ª classe da Escola Primária Completa de Machoca.

O objectivo acima apresentado é operacionalizado pelos seguintes objectivos específicos:

- Compilar os resultados da pesquisa com vista a compará-los;
- Conceber exercícios que ajudem os alunos a consolidarem os conhecimentos sobre a identificação das marcas espaço-temporais nas Narrativas de Tradição Oral.

5. Relevância do Tema para o Estudo

As categorias narrativas são componentes imprescindíveis para a edificação de uma narrativa, ou seja, elementos sem os quais a narrativa não existe (Gancho).

Diante deste ponto de vista, pode dizer-se que o desconhecimento do *espaço* e do *tempo*, por parte dos alunos, ensombra a compreensão cabal das reais funções que a narrativa desempenha.

Desta forma, pensa-se que o presente estudo, ao valorizar o *espaço* e o *tempo* em narrativas de tradição oral nas aulas de Português, estará a contribuir não só para ampliar os conhecimentos da população-alvo sobre essas narrativas, mas também para melhoria das

práticas pedagógicas de alguns professores, à medida que vão consultando os modelos e exercícios já preparados (localização espaço-temporal). Pensa-se, igualmente, que o trabalho servirá de mais um instrumento de consulta para o desenvolvimento de outros estudos.

6. Estrutura da dissertação

A estrutura desta dissertação compreende seis capítulos: (i) Introdução; (ii) Fundamentação teórica; (iii) Metodologia de estudo; (iv) Análise de dados e discussão dos resultados da pesquisa; (v) Actividades de Aprendizagem; e (vi) Conclusões e recomendações.

O primeiro capítulo consiste na apresentação da *motivação* para o estudo do tema, do *problema* da investigação, da *delimitação* do objecto de estudo, dos *objectivos* da pesquisa, da *relevância* do tema de estudo e da *estrutura* da dissertação.

No segundo capítulo, procede-se à explanação dos conceitos operatórios mais relevantes.

No terceiro capítulo, são apresentados os métodos de pesquisa e de recolha de dados, as técnicas de recolha e análise de dados, os tipos de amostragem, os procedimentos de recolha de dados e a terminologia a ser usada na análise e discussão dos resultados.

No quarto capítulo, faz-se a apresentação dos dados do estudo, bem como a discussão dos resultados obtidos.

No quinto capítulo, apresenta-se um rol de actividades de aprendizagem que se destinam a ajudar os alunos a melhorarem o seu desempenho quanto à localização espaço-temporal.

No sexto capítulo, são apresentadas as principais conclusões a que o estudo chegou e as sugestões sobre estudos futuros.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Narrativas de Tradição Oral

Para uma melhor apresentação das linhas definitórias das narrativas de tradição oral, torna-se necessário compreender, em primeiro lugar, o conceito de *narrativa*. Neste contexto, na perspectiva de Reis e Lopes, tal conceito apresenta distintas acepções, entre as quais se destacam as que se seguem: (i) narrativa como enunciado (discurso); (ii) narrativa como conjunto de conteúdos representados pelo enunciado acima referido; (iii) narrativa como acto de relatar esses conteúdos; e (iv) narrativa como modo, equiparável à *lírica* e ao *drama*. É esta última acepção de *narrativa* que interessa para o presente estudo, mas antes de se chegar à sua definição, torna-se relevante dizer que ela "concretiza-se em suportes expressivos diversos, do verbal ao icónico, passando por modalidades mistas verbo-icónicas (banda desenhada, cinema, narrativa literária, etc.)" (Reis e Lopes 271). Diga-se que a decisão de optar pela narrativa literária deriva do facto de se pretender focalizar a atenção para a modalidade de narrativa que interessa à presente pesquisa, que é a literária, que se define como

conjunto de textos normalmente de índole ficcional (...), estruturados pela activação de **códigos** (...) e **signos** (...) predominantes, realizados em diversos **géneros narrativos** (...) e procurando cumprir as variadas funções socioculturais atribuídas em diferentes épocas às práticas artísticas. (Reis e Lopes 271; o grifo é dos autores)

Do exposto, observa-se que o elemento-chave na definição de *narrativa literária* é o vocábulo *textos*, *textos* esses que, por um lado, são estruturados através da activação de códigos e signos, e, por outro, concretizados por meio de diversos géneros literários.

Repare-se que, na mesma definição, não se toma nenhuma posição sobre a forma de expressão que legitima a narrativa literária, o que faz pensar que ela pode consistir tanto na forma oral quanto na escrita, ou seja, os textos que a constituem podem ser orais ou escritos. Para se consubstanciar esta ideia, recorre-se a Couto que afirma que

a narrativa é uma forma de transmissão do saber ... [e] que essa transferência de conhecimentos pode ocorrer tanto na escrita quanto na oralidade; entretanto, cabe destacar que emanam particularidades entre elas: a tradição escrita preocupa-se com a produção

ortográfica e o registro documental da narrativa, enquanto que na oralidade há a presença da variação linguística e a possibilidade de se alterar aquilo que foi dito. Na oralidade, a presença do interlocutor permite uma interação maior sem a necessidade de uma contextualização prévia dos eventos narrados, o que não ocorre na escrita.

Observando essas distinções, consideramos que não há relação de superioridade ou inferioridade quando se refere à oralidade e à escrita, como sustenta Marcuschi (2001), entretanto registramos que cada uma dessas possibilidades de uso da língua apresenta suas próprias regras de realização. (17)

Para alguns autores, um texto escrito pode fazer parte das narrativas de tradição oral desde que o narrador da história manifeste o desempenho exigido no que concerne à competência comunicativa apropriada, conforme ilustram as últimas palavras do seguinte trecho:

Pesquisadores africanos, como Pius Zirimu, do Uganda, introduziram o conceito de *oratura* em oposição a *literatura*. O primeiro referir-se-ia então a "textos" orais e o último, a escritos. Na maioria das vezes, lidamos com literatura oral apenas em forma transcrita, escrita. Em qualquer caso, parece-me não haver tanto problema em manter o conceito de literatura oral referente a "textos" apresentados oralmente, assim como a textos transcritos *literalmente* a partir da *performance*. (Schipper 9, os grifos são do autor)

Conforme se depreende a partir do excerto acima apresentado, o que caracteriza a Literatura Oral é a *performance*, que consiste em apresentar a história com a excelência exigida (Schechner), em que "a pessoa [que a conta] reorganiza sua experiência, de modo que ela tenha ordem coerente e significativa, dando um sentido ao evento" (Silva e Trentini 425).

Outros autores, como Hartmann, referem que a *performance* é um modo de comunicação verbal em que o narrador da história manifesta a sua competência comunicativa ao seu narratário¹, procedendo consoante as normas socialmente estabelecidas.

Diante das considerações tecidas sobre a *performance*, ilustra-se que, na verdade, ela constitui o elemento-chave para que uma narrativa cuja forma de expressão assenta na escrita seja tomada como oral.

Assim, a narrativa a ser abordada neste estudo, embora os textos se apresentem na forma escrita, é a que consiste na oralidade.

¹ O narratário é uma entidade fictícia, de existência puramente textual, a que o narrador se dirige (Reis e Lopes).

Se se retomar a definição de *narrativa literária*, percebe-se que esta modalidade se realiza em diversos géneros literários (Reis e Lopes), tais como o romance, a novela, a crónica e o conto (Gancho), sendo que este último género é o que merecerá atenção neste trabalho, por ser o tipo de narrativa oral escolhido para o seu tratamento neste estudo. Contudo, antes da sua abordagem, considera-se relevante fazer uma referência sobre o papel das narrativas de tradição oral. Assim, no cômputo geral, elas, na perspectiva de Rosário, são "o reservatório dos valores culturais de uma comunidade com raízes e personalidade regionais, muitas vezes perdidas na amálgama da modernidade" (40).

Couto, por seu turno, afirma que as narrativas de tradição oral "podem desempenhar o papel de transmitir a cultura, os costumes, os aspectos da sociedade, a literatura, entre outros" (18).

Conforme se observa, os autores acima citados evidenciam o facto de as narrativas de tradição oral constituírem o meio através do qual se transmitem e preservam os valores culturais de uma comunidade/sociedade, o que leva a crer que o papel delas é sobremaneira importante para a vida sociocultural dos seres humanos, sobretudo, dos povos africanos, como refere Rosário nas palavras que se seguem.

Na sociedade africana, em particular a campesina, onde a tradição oral é o veículo fundamental de todos os valores, quer *educacionais*, quer *sociais*, quer *político-religiosos*, quer *económicos*, quer *culturais*, apercebe-se mais facilmente que as narrativas são a mais importante engrenagem na transmissão desses valores. A sua importância advém do seu carácter exemplar. Quer isto dizer que é nas narrativas que se encontram veiculadas as regras e as interdições que determinam o bom funcionamento da comunidade e previnem as transgressões. Essas regras e interdições formam conjuntos que variam segundo as culturas, mas apresentam algumas constantes demonstrando que as narrativas na tradição oral, em geral, estão ligadas à própria vida. Entende-se vida aqui como todos os sistemas de elementos que concorrem para a sobrevivência da comunidade: os *sistemas de parentesco*, a *fecundidade*, o *funcionamento do cosmos*, (a alternância dos dias e das noites, as estações, as chuvas, a seca, as cheias, etc.).

A narrativa funciona igualmente como um dos principais veículos de transmissão do conhecimento, mantendo a ligação entre as gerações de uma mesma comunidade. Os valores que são transmitidos a gerações posteriores não podem sofrer transgressões.

Se tal facto acontecer, põe em perigo a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo. A continuidade da cadeia de valores pode ser, por exemplo, detectada na preocupação de enunciar fórmulas codificadas no princípio e no fim da narração bem como a introdução de canções em certos momentos da intriga, sendo as letras dessas canções, muitas vezes,

versos cristalizados que pouco têm a ver com a própria narrativa que está sendo actualizada num determinado momento.

Considerando a situação de oralidade, a narrativa é um dos meios pedagógicos mais poderosos. (40-41)

Segundo se verifica, no excerto acima, estão expressos os argumentos que atestam o facto de as narrativas de tradição oral, nas sociedades africanas, desempenharem um papel irremediavelmente incontornável na educação dos seus povos, factor do seu desenvolvimento como seres humanos.

Retome-se o *conto* como um dos géneros das narrativas de expressão oral. Tal como se anunciou anteriormente, ele constitui o género de eleição para o presente estudo. Assim, começa-se por apresentar a sua definição.

Neste contexto, e na perspectiva de Gancho, o conto "é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens" (8).

A respeito desta modalidade de narrativa, a autora acrescenta o seguinte:

O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo. (Gancho 8)

Guerra e Vieira (172), por sua vez, definem o conto como "narrativa curta e de enredo simples, de grande concentração espaço-temporal". De facto, o conto é um tipo de texto que se pretende, tanto simples, quanto curto, envolvendo personagens em número reduzido, que se movimentam num tempo e espaço relativamente curtos. Isto pressupõe que ele seja de fácil apreensão, isto é, de fácil consumo em termos de leitura e compreensão do seu conteúdo.

A respeito desse tipo de narrativa, Reis e Lopes (2007), citando Bonheim (1982), definem-no como um relato pouco extenso, apresentando-se com um número reduzido de personagens, um esquema temporal restrito e uma acção simples ou com poucas acções separadas.

Estes autores, socorrendo-se ainda de Bonheim (1982), afirmam que

o conto enraíza-se em ancestrais tradições culturais que faziam do ritual do relato um factor de sedução e de aglutinação comunitária ... [e que] esteve originalmente ligado a situações

narrativas elementares: nelas, um narrador, na atmosfera quase mágica instaurada pela expressão «Era uma vez ...», suscitava num auditório fisicamente presente o interesse por acções relatadas num único acto de narração e que não raro tinham, para além dessa função moralizante. (Reis e Lopes 79)

Do exposto, depreende-se que Gancho (2002), Guerra e Vieira (1990) e Reis e Lopes (2007) são unânimes em afirmar que o conto é uma narrativa curta, com uma acção simples, o espaço e tempo restritos e personagens em número reduzido.

Diante desta constatação, pode dizer-se que cada uma das definições do conceito de conto, apresentadas pelos autores acima elencados, aplica-se à presente pesquisa.

Ainda sobre o conto, refira-se que Reis e Lopes, socorrendo-se de Bonheim (1982), afirmam que "as categorias da narrativa que de modo mais notório são atingidas pela reduzida extensão do conto são a **acção**, a **personagem** e o **tempo**" (79, o grifo é dos autores).

No âmbito deste trabalho, importa referir que, das categorias acima mencionadas, o *tempo* será tratado com uma certa profundidade a par do que vai acontecer em relação ao *espaço*, por serem conceitos de eleição para esta pesquisa.

Devido ao facto de o enfoque do presente estudo ser o *conto popular* como narrativas de tradição oral, faz-se necessário apresentar igualmente a sua definição e caracterização. Deste modo, abre-se uma subsecção específica para o seu desenvolvimento (1.1).

1.1. O Conto Popular como Narrativa de Tradição Oral

Na perspectiva de Reis e Lopes, o conto popular, à semelhança do que acontece com o conto, é uma narrativa breve, com um número reduzido de personagens que poucas vezes são caracterizadas e a acção bastante concentrada.

Na óptica destes autores, o conto popular é, igualmente, uma narrativa que persiste no tempo, uma vez que se constitui por diversos códigos, nomeadamente o *cinésico*, o *proxémico* e o *paralinguístico*. O primeiro tem o papel de regular os movimentos corporais, podendo, desta forma, complementar "os signos verbais no momento em que se narra oralmente uma história" (83). O segundo, por sua vez, não só estrutura o espaço humano, mas também é importante no desenvolvimento de determinadas "práticas ritualizadas que muitas vezes acompanham a recitação do conto (nomeadamente nas

comunidades africanas) " (Idem: 83). Por último, o *código paralinguístico* que, de acordo com os mesmos autores, "regula a entoação, a qualidade da voz, a ênfase, desempenha ... um papel fulcral no acto da realização oral do conto" (Ibidem: 83).

Refira-se que, no conto popular, o emissor é uma questão complexa, por ele, o conto, pertencer a narrativas cujos "discursos [são] **anónimos**, legitimados pela comunidade em que circulam" (Reis e Lopes 83, o grifo é dos autores).

Aos traços característicos do conto popular acima apresentados, importa agregar os aspectos relacionados com as personagens e a enunciação. Deste modo, recorre-se às palavras de Reis e Lopes, patentes no excerto abaixo.

Para além de um círculo específico de comunicação e de uma organização funcional bastante estável, o conto popular manifesta ainda certos traços característicos no que diz respeito às personagens e ao plano enunciativo. Quanto às personagens, impera a regra do anonimato: geralmente, são personagens «referenciais», no sentido em que reenviam para certos atributos e percursos culturalmente cristalizados (rei, princesa, dragão, moleiro, padre, etc.). No plano enunciativo, é de referir que a constância de fórmulas introdutórias do tipo «Era uma vez», que situam o conto num passado indefinido e permanentemente reatualizável. Esta localização temporal indeterminada, para além de assinalar uma «entrada» no mundo ficcional, permite a generalização de situações, acentuando a natureza pragmática dos eventos narrados. (85-86)

Diante das palavras apresentadas sobre o conto popular, conjugadas com as que se reportam ao conto literário, conclui-se que, para além das semelhanças que há entre os dois tipos de narrativas de tradição oral (já arroladas), registam-se diferenças inconciliáveis entre eles, as quais se evidenciam quando se afirma que o conto popular persiste no tempo e pertence a narrativas que são discursos anónimos, legitimados pela comunidade em que circulam, facto que não sucede com o conto literário escrito, já que o seu "emissor é o escritor/autor, indivíduo empírico historicamente situado, que se pode identificar e nomear e que, em certa medida, programa e controla a produção dos seus textos" (Reis e Lopes 83).

A questão do anonimato é asseverada no último excerto, quando Reis e Lopes afirmam que as personagens são 'referenciais', exemplificando com entidades como rei, princesa, dragão, entre outras. Contudo, quanto ao último aspecto do mesmo trecho, diga-se que a expressão «Era uma vez» também se pode encontrar no conto literário, constituindo, desta forma, um traço que encerra semelhança, pese embora neste último

caso o emissor se dirija a um auditório diferente do que se poderá encontrar no conto popular.

Comparando a questão do anonimato das personagens com o que se passa nas narrativas africanas no que concerne às entidades utilizadas para o efeito, encontram-se o coelho, o monstro comedor de pessoas, o leão e outros animais.

Após as considerações já feitas sobre o conto popular, abordar-se-ão as categorias da narrativa *espaço* e *tempo*, facto a acontecer, respectivamente, nas subsecções (1.2.1) e (1.2.2).

1.2. Categorias da Narrativa: O espaço e o tempo

Neste subcapítulo, pretende-se abordar o *espaço* e o *tempo*, que são algumas das categorias imprescindíveis à existência das narrativas, conforme afirma Gancho no excerto que se segue.

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa. (9)

No que concerne à opção pela abordagem de duas categorias narrativas, o *espaço* e o *tempo*, refira-se que se deve ao facto de a população-alvo não as dominar na plenitude, quanto à sua identificação no texto escrito.

1.2.1. O Espaço

O espaço, conforme Reis e Lopes, é "uma das mais importantes categorias da **narrativa**, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam" (135), e definem-no como a categoria narrativa que "integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da **acção** ... e à movimentação das **personagens**" (Idem, o grifo é dos autores). Estes autores afirmam que os cenários podem ser geográficos, interiores, decorações, objectos, entre outros. Num outro desenvolvimento, os mesmos autores definem o espaço, em segunda instância, atestando que ele "pode ser entendido em sentido translato, abarcando então tanto as atmosferas sociais (**espaço social**) como até as

psicológicas (**espaço psicológico**) " (Reis e Lopes 135; Reis 361-362, o grifo é dos autores).

Diante das considerações acima apresentadas sobre o *espaço*, note-se que, no primeiro caso, os autores definem-no como o lugar onde ocorrem os acontecimentos da história (espaço físico) e, no segundo, fazem-no, tendo em conta os diferentes ambientes sociais e psicológicos, emergindo deste modo, mais dois tipos de espaço, nomeadamente o *social* e o *psicológico*, respectivamente.

Os autores acima citados indicam as circunstâncias que tornam variável o espaço, conforme se pode observar no trecho abaixo.

A variedade de aspectos que o **espaço** pode assumir observa-se, antes de mais, nos termos de uma opção de extensão: da largueza da região ou da cidade gigantesca à privacidade de um recatado **espaço** interior desdobram-se amplas possibilidades de representação e descrição espacial; é em função destas opções que certos romancistas são associados aos cenários urbanos que preferiam.... (Reis e Lopes 135; Reis 362 o grifo é dos primeiros autores)

Gancho, quando se debruça sobre as categorias narrativas associadas ao conto, afirma que o espaço é o lugar onde ocorrem as acções da história. Esta autora, na sua explanação acerca do espaço, apresenta as funções que essa categoria narrativa desempenha, bem como outros aspectos afins. Veja-se no excerto abaixo.

Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, havia menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços.

O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.

Assim como os personagens, o espaço pode ser caracterizado mais detalhadamente em trechos descritivos, ou as referências espaciais podem estar diluídas na narração. De qualquer maneira é possível identificar-lhe as características, por exemplo, espaço fechado ou aberto, espaço urbano ou rural, e assim por diante.

O termo *espaço*, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um "lugar" psicológico, social, económico etc., empregamos o termo *ambiente*.

[O ambiente] é o espaço carregado de características socioeconómicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que

aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um *clima*.

Clima é o conjunto de determinantes que cercam os personagens, que poderiam ser resumidas nas seguintes condições: socioeconómicas; morais; religiosas; psicológicas. (23)

Como se pode verificar, o excerto acima não só apresenta a definição do conceito de *espaço*, mas também classifica-o tendo em atenção a acção. Desta classificação distinguem-se as seguintes variedades de espaço: (i) espaço fechado vs espaço aberto; (ii) espaço urbano vs espaço rural; (iii) espaço psicológico, social e económico. Estas últimas variedades resumem-se numa só, cuja designação é *ambiente*, desempenhando as seguintes funções: situar as personagens no tempo, no espaço e no grupo social; constituir a projecção dos conflitos vividos pelas personagens; estar em conflito com as personagens (neste caso, o *ambiente* opõe-se às personagens, estabelecendo com elas um conflito; e fornecer índices para o andamento do enredo (neste contexto, alguns aspectos do *ambiente* podem servir de pistas para o desfecho da narrativa, que pode ser identificado através de uma leitura atenta).

Diante das considerações feitas sobre os tipos de espaço tanto por Reis e Lopes como por Gancho, conclui-se que as variedades que interessam para o presente estudo são as seguintes: (i) o espaço físico; (ii) o espaço social; e (iii) o espaço psicológico. Assim, será feito o seu desdobramento.

O *espaço físico*, na perspectiva de Reis e Lopes, consiste em cenários em que a acção se desenrola e as personagens se movimentam. No que se refere ao *espaço social*, estes autores afirmam que é aquele que consiste na "descrição de ambientes que ilustrem, quase sempre num contexto periodológico de intenção crítica, vícios e deformações da sociedade" (135). Por último, encontra-se o *espaço psicológico* que, para os mesmos autores, consiste em "evidenciar atmosferas densas e perturbadas, projectadas sobre o comportamento, também ... normalmente conturbado, das personagens" (136). Refira-se que este tipo de espaço se manifesta através do monólogo interior das personagens, que é "o discurso mental, não pronunciado, das personagens" (Reis e Lopes 238).

1.2.2. O Tempo

Vários pesquisadores, como Aguiar e Silva e Reis e Lopes, quando se debruçam sobre a categoria narrativa *tempo* referem-se à existência de duas formas de a conceber: (i) o

tempo da diegese (o tempo da história narrada); e (ii) o tempo do discurso narrativo. Em relação ao primeiro caso, Aguiar e Silva afirma que é

um tempo objectivo, um tempo "público", delimitado e caracterizado por indicadores estritamente cronológicos atinentes ao calendário do ano civil – anos, meses, dias, sem esquecer em certos casos as horas –, por informações relacionadas ainda com este calendário, mas apresentando sobretudo um significado cósmico – ritmo das estações, ritmo dos dias e das noites –, por dados concernentes a uma determinada época histórica, etc. Este tempo diegético pode ser muito extenso ... ou relativamente curto Quer seja extenso, quer seja curto, é possível, em geral, medir com suficiente rigor o tempo objectivo da diegese. (745-747)

Reis e Lopes, por sua vez, a respeito do mesmo assunto, dizem que essa categoria narrativa se "refere, em primeira instância, ao **tempo** matemático propriamente dito, sucessão cronológica de eventos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor" (406, o grifo é dos autores).

Diante das considerações acima apresentadas sobre o *tempo da diegese*, depreende-se que, na essência, os autores convergem na sua explanação, assumindo que essa categoria narrativa consiste no momento em que a acção se passa. A convergência acima constatada faz com que se adotem as duas definições para o presente estudo.

No que tange ao *tempo do discurso*, Aguiar e Silva defende que "é de difícil medição" (750), na medida em que se consideram diversos elementos como o volume do texto (extenso ou curto) e a velocidade com que ele pode ser lido (dependendo de cada leitor), o que faz com que, na verdade, a medição já referida se afigure difícil.

Relativamente ao mesmo tipo de tempo, Reis e Lopes, na essência, convergem com Aguiar e Silva, ao afirmarem que a duração do *tempo do discurso* não se faz através de "marcos temporais que o narrador ... vai deixando" (410), tal como acontece com o *tempo da diegese*, equivalendo, assim, "à duração de uma representação de natureza verbal, essa duração não pode ser estabelecida senão de forma aproximada, em função da leitura" (Idem). Para uma melhor compreensão, veja-se o excerto abaixo.

Se a duração do **tempo da história** pode ser calculada ..., de acordo com os marcos temporais que o narrador eventualmente vai deixando, não ocorre necessariamente o mesmo com o **tempo do discurso**. Correspondendo este fundamentalmente à duração de uma representação de natureza verbal, essa duração não pode ser estabelecida senão de forma aproximada, em função da leitura: como notou Genette, «o texto narrativo, como qualquer outro texto, não possui senão a temporalidade que metonimicamente recebe da

leitura» (Genette, 1972: 78), variando esta de acordo com o ritmo que lhe é imprimido por cada leitor particular. (Reis e Lopes 410)

Retome-se o *tempo da diegese*, pelo facto de comportar um outro tempo que se considera "mais fluido e mais complexo – o tempo subjectivo, o tempo vivencial das personagens [Trata-se de uma] temporalidade ... entretecida num presente que ora se afunda na memória, muitas vezes involuntária, ora se projecta no futuro, ora pára e se esvazia" (Aguiar e Silva 747).

Estas palavras de Aguiar e Silva remetem para o tempo psicológico que, embora diferente, este autor pensa que não se dissocia do tempo objectivo (cronológico) e do tempo histórico.

Devido ao interesse que a presente pesquisa dispensa ao *tempo cronológico* e ao *tempo psicológico*, faz-se necessário clarificá-los cada vez mais. É neste contexto que se recorre a Gancho. Esta autora afirma que o *tempo cronológico* é aquele "que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final ... [e] chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos" (21). Relativamente ao *tempo psicológico*, a mesma autora define-o como o "tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, ... [alterando] a ordem natural dos acontecimentos" (Idem).

Refira-se que algumas narrativas, tanto podem começar o discurso no meio dos acontecimentos (*in medias res*), quanto no fim (*in ultimas res*), o que faz com que o desenvolvimento cronológico da história conheça alteração da ordem dos eventos diegéticos, fenómeno designado por *anacronia*.

Diante desta situação, "um acontecimento que, no desenvolvimento cronológico, se situe no final da acção, pode ser relatado antecipadamente pelo narrador; por outro lado ..., a compreensão de factos do presente da acção pode obrigar a recuperar os seus antecedentes remotos" (Reis e Lopes 28). A primeira situação reporta-se à *prolepse*, que se define como "o movimento de antecipação, pelo discurso, de eventos cuja ocorrência, na história, é posterior ao presente da acção" (Genette 1972, citado por Reis e Lopes 340). No segundo caso, trata-se da *analepse*, que é "o movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da acção e mesmo, nalguns casos, anteriores ao seu início" (Reis e Lopes 29).

Conforme se nota, a *analepse* e a *prolepse* são recursos discursivos bastante importantes no plano do discurso, na medida em que permitem que o narrador opere alterações ao seu bel-prazer consoante os propósitos que pretende alcançar.

Concepção do tempo segundo o homem africano

Recorda -se que a abordagem feita sobre o tempo se circunscreve ao âmbito geral e, pelo facto do objecto do estudo desta pesquisa consistir em narrativas de tradição oral, primariamente predominante ao mundo bantu, revela-se importante tratá-lo de forma específica, tendo em consideração a sua concepção no seio das comunidades bantas. Assim para a materialização desta pretensão, recorre-se a Rodrigues que cita Revière dizendo que a África negra assume uma visão diferente na concepção do tempo e, a este respeito apresenta a seguinte tipologia: (i) tempo utilitário e (ii) tempo não utilitário.

Antes da explanação de cada um destes tipos de tempo, afigura-se pertinente fazer uma breve referência sobre a mesma temática, mas tendo como base alguns pontos de vista assentes na forma como ela é concebida pelo povo bantu.

Neste contexto Kagamé, citado por Rodrigues, (191) defende que os «termos que designam o tempo nunca [são] utilizados sozinhos», sempre acompanhados por um complemento, sem o qual o tempo se torna indeterminado ou mesmo impensável. Assim, a forma de o expressar seria: «tempo disto ou daquilo». Como forma de secundar esta ideia, apresenta-se um exemplo pessoal, mostrando que a realidade, ora verdade, é notória no seio de algumas comunidades moçambicanas em que, para se localizar um certo evento, se usa uma estratégia similar: o meu filho nasceu naquele ano em que Machoca foi assolado por uma grande praga de gafanhotos.

Conforme se verifica, o termo «ano» que designa o tempo que se pretende expressar, ocorre com um complemento, que é a parte do enunciado que se encontra sublinhada.

Em contrapartida, se o mesmo enunciado ocorresse com a palavra «ano» sem complemento não teria um sentido completo ou seja não se saberia o ano em que o filho da(o) autor(a) nascera, como ilustra o exemplo que se segue: O meu filho nasceu naquele ano. Perante este enunciado far-se-ia a seguinte pergunta: que ano?

Do exposto depreende-se que um dos aspectos que tornam diferentes a forma do povo bantu conceber o tempo é o facto de os termos que o designam aparecem acompanhados por um complemento que o especifica.

O outro aspecto que se mostra importante para agregar ao primeiro é o facto de curso do tempo ser assumido de duas formas, uma das quais remete para as realidade das comunidades bantas. Trata-se, segundo Comte-Spomvielle, citado por Rodrigues, de «fuga do tempo» e caso «seta do tempo». No primeiro caso, refere-se que um acontecimento, em primeiro lugar, é futuro, passando sucessivamente a ser presente e passado, na medida em que «os acontecimentos futuros se encontram predestinados e virão tão connosco independentemente do que fizemos, encontrando-nos na sua fuga para o passado» (Rodrigues 213), contudo, «a direcção do tempo [para este grupo] é sobretudo orientado para o passado onde se encontram os antepassados e de onde emanam as regras de comportamento, as crenças, as interdições que regulam a vida social» (ibidem 218). Este modelo de conceber o curso do tempo conforme Comte-Spomvielle, designa-se ponto de vista da consciência nostálgica fatalista ou supersticiosa.

No segundo caso, «seta do tempo» assume-se que o presente procede do passado e o futuro daquele. Este modelo de concepção do curso do tempo, por sua vez chama-se ponto de vista de consciência activa ou científica, correspondendo deste modo, ao mundo ocidental ou ocidentalizado.

Diante do que foi tecido, conclui-se para o povo bantu, que um acontecimento apresenta três estágios, nomeadamente o futuro, o presente e o passado. Estas três formas do tempo ocorrem de modo cíclicos ou seja, cada acontecimento obedece a mesma sequência: primeiro situa-se no futuro como algo predestinado, em seguida, no presente e, por último no passado. De entre os três estágios já referidos, o mais importante para o povo bantu é o passado, consoante as razões anteriormente aduzidas.

Sintetizando os dois aspectos acima tratados, pode dizer-se que, para o povo bantu, os termos que designam o tempo ocorrem sempre acompanhados por um complemento e o próprio tempo é cíclico, partindo do futuro, passando para o presente e depois para o passado, que é o tempo mais importante, na medida em que se usa como elo de ligação entre os antepassados mortos e os vivos.

Concluída esta parte, agora retoma-se a tipologia de tempo: tempo utilitário e tempo não utilitário.

Neste âmbito o tempo utilitário compreende duas fases, nomeadamente (i) o tempo mais longo e (ii) o tempo quotidiano, ao passo que o tempo não utilitário tem como componentes os seguintes tempos:

- (i) Tempo mítico, (ii) tempo ancestral e genealógico, (iii) tempo da possessão e (iv) o tempo escatológico.

No desdobramento dos macro tempos, começa-se com o tempo utilitário que se divide, tal como referida acima em duas modalidades: o tempo mais longo e o tempo quotidiano. A primeira modalidade é medida «através do recurso a certos fenómenos astronómicos (lua cheia, etc.), ecológicos (época das térmites, das chuvas ...) ou a actividades sazonais, relacionadas com o regime das chuvas ou ainda datado com referência a actividades sociais» (Rodrigues 195). Esta modalidade é constituída por «referências temporais da natureza histórica comuns a todas as narrativas e que, uma vez estabelecido o presente diegeses permitem determinar os restantes tempos, passado e futuro (idem:197).

A segunda modalidade, por sua vez, mede-se por meio dos «movimentos do sol e (...) da sucessão dos dias e das noites» (idem 199-200).

Este tipo é igualmente considerado por referências, mas que não permitem reconstituir precisamente a cronologia dos factos.

No que concerne ao tempo não utilitário, importa lembrar os seus tipos: os tempos míticos, o tempo ancestral e genealógico, o tempo da possessão e o tempo escatológico. A abordagem destes subtipos temporais será feita conforme foram mencionados. Assim, Os tempos são aqueles que coexistem com os tempos utilitários e estão «dotados do poder de [0] interromper ou suspender, de acordo com as necessidades» (Rodrigues 202). O tempo ancestral e genealógico, por seu turno, corresponde ao « tempo dos antepassados [e] é tornado presente através de numerosas evocações que pontuam as narrativas» (idem:203). Relativamente ao tempo da possessão, diga-se que é «0 tempo forte para a comunidade e, para o possuído, mergulhado num transe abolidor da duração, um não tempo» (idem), ou seja, o tempo bastante valorizado pelas comunidades, mas não pela personagem que o vive, que o encarna. Por último, encontra-se o tempo escatológico que se produz em «cenos de fim do mundo que assumem a forma de caos» (idem:204).

Da caracterização acima feita, transparece o facto de que os tempos utilitários são aqueles que poucos constrangimentos trazem a vida do povo banto, não acontecendo o mesmo em relação com os tempos não utilitários que, na sua maioria interferem

grandemente na vida das comunidades bantas constringendo-as. Desta forma, pode depreender-se que a vida dessas comunidades está mais apegadas aos tempos não utilitários, uma vez que estas modalidades temporais transportam consigo um conjunto de preceitos que condicionam o comportamento das comunidades acima referidas.

Nesta recta final afigura-se relevante deixar claro que a concepção do tempo pelo homem bantu não é extensiva a todos os membros das comunidades bantas, na medida em que nem todos eles pertencem a doutrina que assumem o passado e os tempos não utilitários como tempos mais importantes por serem portadores de preceitos que guiam a sua vida.

2. Tratamento do Espaço e do Tempo em Narrativas de Tradição Oral

No tratamento do espaço, nas narrativas africanas de tradição oral, é notória a sua flexibilidade no que diz respeito à actualização. Esta realidade decorre da necessidade de levar o narratário a reconhecer o espaço em que se passa a acção, facto que faz com que a narrativa seja assumida como coerente e algo pertencente à comunidade onde está inserido esse narratário.

Para a elucidação do facto de o *espaço* constituir uma categoria narrativa flexível no plano de actualização, verifique-se o trecho que se segue.

As narrativas africanas de tradição oral actualizam, geralmente, o espaço em que a acção decorre, de maneira a que seja reconhecível pelos circunstantes. Algumas vezes menciona-se apenas em termos gerais, «na floresta», «na montanha». Outras vezes particulariza-se «no rio Zambeze», «o rapaz do Conho», «na cidade da Beira». É raro nas narrativas africanas falar-se de acções que decorrem em *reinos fantásticos*, *terras de fadas*, que não sejam identificáveis.

Mesmo os monstros da narrativa habitam, no nosso caso, no rio Zambeze. Além da localização, importa salientar que a medição do espaço é normalmente feita utilizando-se em termos comparativos: «andou uma distância como daqui até à povoação X» ou «tão longe como daqui à Beira», ou «uma distância de três dias de viagem». (Rosário 319)

Como se pode verificar, o *espaço* é actualizável e isso, por um lado, se processa por meio de referências gerais («na floresta», «na montanha»), o que não retira a possibilidade de o espaço expresso nesses moldes ser reconhecido pelo auditório; por outro, através de referências particulares («no rio Zambeze», «na cidade da Beira»).

No excerto em análise, ainda se pode notar o facto de ser difícil as acções decorrerem em locais não identificáveis. O outro aspecto que se considera relevante, neste processo, é o facto de a medição do *espaço* se efectuar por intermédio de comparação («andou uma distância como até a povoação x»).

Diante das considerações ora feitas sobre o *espaço*, pode dizer-se que o mesmo não sucede no tocante ao *tempo*, conforme se concretizará na abordagem desta categoria narrativa.

Neste contexto, o *tempo* reveste-se de um grande mistério quanto ao seu controlo, por isso, os narradores, conscientes da sua existência, estão impossibilitados de estabelecer limites ao *tempo da história*, o que faz com que, segundo Rosário, tenham pouca margem de liberdade para o manipular.

Esta constatação é suportada pelo mesmo autor no excerto que se segue.

A cronologia dos factos, a duração da acção concedem aos contadores uma certa liberdade vigiada pelo macro-texto colectivo, de tal forma que no primeiro caso, os factos não referidos devem ser subentendidos, raramente invocados em situação discursiva de *analepse*. E a duração não deve fugir da simbologia de contagem de tempo, em que o número três tem uma certa relevância «três dias, três meses, três anos, etc...», da mesma forma que as acções se repetem três vezes. (318-319)

Do excerto acima apresentado, depreende-se que a pouca liberdade deriva do facto de o macrotexto colectivo ser também de domínio das comunidades receptoras das narrativas, que o foram apreendendo ao longo dos séculos, de tal forma que quando algum narrador referir algo que não se encaixe nele se arrisca a ser censurado pelos circunstantes.

A situação acima descrita equipara-se ao facto da expressão do tempo em comunidades bantu efectuar-se através de termos acompanhados por um complemento que especifica, por exemplo «o presidente da república visitou-nos naquele ano em que choveu muito» «o incêndio do paiol ocorreu naquele dia em que nasceu o filho do meu vizinho» e, de contrário os circunstantes submeterão o narrador da história em que tal regra se viola a uma censura.

Vejam-se os enunciados que reportam a violação acima referida. Refira-se que tais enunciados resultam dos anteriormente apresentados.

- «O presidente da república visitou-nos naquele ano».

-« O incêndio do paiol ocorreu naquele dia».

Sintetizando a questão do tratamento do *espaço* e do *tempo* nas narrativas tradicionais, refira-se que o espaço se actualiza facilmente, não acontecendo o mesmo em relação ao tempo, pelas razões anteriormente evocadas. Contudo, a identificação desta categoria narrativa, por parte do auditório/leitor, não se reveste de nenhum mistério, na medida em que as suas marcas estão presentes nas respectivas narrativas. Quanto ao *espaço*, a situação é similar, ou seja, identificável, porque os índices se encontram patentes no texto.

2.1. Subjectividade do espaço em Narrativas de Tradição Oral

O espaço das narrativas tradicionais é actualizável, tal como foi dito, e é subjectivo. Uma história pode ser contada em regiões diferentes. Cada contador ou intérprete contará tal história mencionando um lugar conhecido pelos receptores e, por exemplo, se um de Nampula diz “no rio Muatala”, uma outra pessoa de Cuamba, diria “no rio Muanda”, uma outra ainda, desta vez, de Montepuez, diria “no rio Lugenda”; se um contador de Nampula diz “na estrada de Anchilo”, o da Beira diria “na estrada de Mafambisse”.

Neste caso, torna-se notável que cada literatura tradicional “tem as suas características próprias e desenvolve-se segundo moldes estéticos e linguísticos, cuja distributividade resulta não só das diferenças culturais, éticas de base, mas também das diferenças linguístico-culturais” (Leite 27). Quer dizer, a diferença não só reside na língua ou cultura, mas também na estética com que se conta, nos nomes das pessoas ou na toponímia e na antroponímia aplicadas.

A subjectividade espacial acima referida prende-se com o facto de que o espaço varia conforme a região, a comunidade, a cultura, entre outros factores.

2.2. Eternização do tempo em Narrativas de Tradição Oral

Refira-se que os factos relatados nas narrativas de tradição oral são de natureza universal, na medida em que valem em todos os tempos, veiculando as mesmas preocupações e motivações. Assim, podem ser assumidas como narrativas eternas, já que

partiram do passado ancestral, explicando fenómenos naturais, e continuam actuais como se fossem de hoje, desempenhando as mesmas funções.

Atente-se no excerto que se segue para se conferir a universalidade das narrativas de tradição oral.

Cada indivíduo que ouve a narrativa está apto a compreender que os conflitos apresentados na intriga podem perfeitamente ter lugar no próprio universo do grupo de que faz parte. Daí o carácter universal das narrativas de tradição oral porque são ao mesmo tempo e em qualquer lugar, um grande ponto de interrogação sobre os problemas com que o indivíduo se defronta no dia a dia, na sua sociedade. (Rosário 41)

O facto de se considerarem eternas as narrativas de tradição oral, por transmitirem valores válidos em qualquer momento, permite visualizar o *tempo* dessas narrativas como igualmente eterno, como se o mundo estivesse a viver o presente desde a sua criação, uma vez que elas sempre permanecem com os mesmos valores, variando de acordo com a cultura.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo destina-se a fazer a abordagem sobre os métodos de pesquisa e de recolha de dados, técnicas de recolha e análise de dados, o tipo de amostragem e a determinação da amostra. Assim, a seguir se apresenta o desdobramento de cada um destes aspectos.

1. Métodos e Técnicas de Pesquisa

1.1. Métodos de pesquisa e de recolha de dados

A condução do presente trabalho assenta na *pesquisa qualitativa* e no *estudo de caso*. Quanto ao *paradigma qualitativo*, Freixo refere que é o processo de investigação que tem em

vista compreender absoluta e amplamente o fenómeno em estudo através da sua observação, descrição, interpretação e apreciação, incluindo o meio em que se encontra inserido. Neste processo, sublinha-se o facto de o investigador não se preocupar em alterar nem controlar o fenómeno e o contexto da sua ocorrência.

No que concerne ao *estudo de caso*, este autor conceitua-o como um método que tem o propósito de:

Descrever de modo preciso os comportamentos de um indivíduo, ou seja, neste procedimento, o sujeito é o centro da atenção do investigador. Contudo, este método pressupõe que o investigador seleccione e determine previamente o tipo de comportamento que pretende observar e consequentemente estudar. (Freixo 109)

No tocante ao *método de recolha de dados*, refira-se que a natureza do estudo leva a apostar no *transversal*, através do qual se recolhem dados num determinado ponto específico do tempo, em que o número de informantes envolvidos no processo é elevado (Larsen-Freeman e Long).

1.2. Técnicas de recolha e análise de dados

Para se levar a cabo a presente pesquisa, utilizou-se o *inquérito por questionário*², técnica através da qual se colecta a informação desejada, contudo, o investigador e os inquiridos não interagem em situação presencial (Carmo).

A análise dos dados recolhidos baseia-se na *triangulação*, técnica que permite "utilizar diferentes métodos ou dados, incluindo a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas" (Patton (1990), citado por Ferreira 183).

1.3. Tipo de amostragem

Nesta pesquisa, adopta-se a *amostragem por selecção racional*, um dos tipos da amostragem não probabilística, "em que os elementos da população são escolhidos por causa da correspondência entre as suas características e os objectivos do estudo" (Freixo 185).

² O outro chama-se inquérito por entrevista e "é realizado em situação **presencial**" (Carmo 125).

2. Procedimentos de Recolha de Dados

Os dados que corporizam o presente estudo foram recolhidos na Escola Primária Completa de Machoca, cujos informantes são alunos da 7ª Classe.

2. 1. Recolha de Dados e Constituição da Amostra

Conforme foi dito anteriormente, os informantes que constituem a amostra deste estudo provêm da escola acima mencionada.

A constituição da amostra baseou-se na totalidade dos alunos da 7ª classe que o estabelecimento de ensino possuía (75 alunos de ambos os sexos), ou seja, todos os alunos participaram no inquérito, contudo, foram validados 48 alunos, na medida em que os restantes (27 alunos) foram excluídos por apresentarem erros insanáveis nas fichas do inquérito.

2. 2. Perfil Sociolinguístico dos Informantes

A presente subsecção procede-se à apresentação dos informantes, tendo em atenção as seguintes variáveis: idade, sexo, língua materna, língua de comunicação com a família, língua que fala com os amigos e local de aprendizagem do Português.

A caracterização dos informantes, de acordo com a ordem em que aparecem as variáveis na lista acima (2.2).

Neste sentido, começa-se com a variável *idade*, em que, dos 48 informantes, 17 se encontram na faixa etária entre 12 e 13 anos, correspondendo a 35,4%, 21 situam-se entre os 14 e 16 anos que, por sua vez, equivalem a 43,8% e, por último, 10 estão na faixa dos 17 a 20 anos, os quais se estimam em 20,8%.

Quanto ao *sexo*, os dados mostram que, dos 48 inquiridos, 36 são homens (75%) e 12 mulheres (25%). No que concerne à língua materna, os dados distribuem-se da seguinte forma: 5 informantes atestam o Português como a sua língua materna e os 43 indicaram as línguas bantu, equivalendo, respectivamente, a 10,4% e 89,6%. No que tange à *língua de comunicação com a família*, verifica-se que 13 inquiridos optaram pelo Português, e correspondem a 27,1%; 35 afirmam que utilizam uma língua bantu e são estimados em 72,9%. Diferentemente do que acontece com as duas variáveis anteriores, a *língua de comunicação com os amigos* apresenta três subgrupos, Português, língua bantu e

Português/língua bantu, constituídos, respectivamente, por 20 (41,7%), 26 (54,1%) e 2 (4,2%) informantes.

Relativamente à última variável, *local de aprendizagem do português*, observe-se que, do total dos inquiridos, 46 afirmam que aprenderam o Português na escola, e apenas 2 é que atestam ter aprendido em casa, correspondendo, seguidamente, a 95,8% e 4,2%.

Diante do cenário acima traçado, depreende-se que mais de 50% dos auscultados não falam ou raramente falam Português quando estão fora da escola.

A situação sociolinguística acima apresentada resume-se no quadro abaixo.

VARIÁVEL	Nº	%	
Idade	12 – 13	17	35,4
	14 – 16	21	43,8
	17 – 20	10	20,8
Sexo	Masculino	36	75,0
	Feminino	12	25,0
Língua materna	Português	5	10,4
	Língua Bantu	43	89,6
Língua de comunicação (família)	Português	13	27,1
	Língua Bantu	35	72,9
Língua que fala com os amigos	Português	20	41,7
	Língua Bantu	26	54,1
	Português/ Língua Bantu	2	4,2
Local de aprendizagem do Português	Escola	46	95,8
	Casa	2	4,2

Quadro 1 – Perfil sociolinguístico dos informantes

2. 3. Caracterização e aplicação do inquérito

Pesquisadores, como Koll, afirmam que, para o estudo do desempenho de um indivíduo, a selecção de determinadas tarefas que se julgam importantes para o efeito constitui um dos modos para avaliar o desenvolvimento desse indivíduo. É dentro deste espírito que foi elaborado o inquérito que serviu de instrumento para a colheita dos dados que suportam esta pesquisa.

Nesta perspectiva, foi analisada a composição dos conteúdos do livro da 7ª Classe da disciplina de Português (Muhate *et al.*), tendo sido focalizados os relacionados com os textos narrativos. Da análise, concluiu-se que das 33 questões de compreensão textual (disponíveis 7 textos narrativos no livro em referência), apenas 4 é que se referem a

aspectos ligados à localização espaço-temporal, facto que motivou a adopção de conteúdos referentes a esta temática para fazerem parte do inquérito já consumado.

Com base no que se disse anteriormente, foi elaborado um inquérito constituído por 6 perguntas de escolha múltipla³, sendo 2 sobre o *espaço*, 3 acerca do *tempo* e 1 mista, compreendendo aspectos referentes às duas categorias narrativas (localização espaço-temporal).

Refira-se que a selecção de conteúdos relacionados com a localização espaço-temporal tinha em vista avaliar os conhecimentos adquiridos pelos inquiridos sobre a temática em causa, uma vez que o livro indica que a sua ocorrência nas actividades de aprendizagem é quase inexistente (12,1%).

Para a classificação dos resultados foram cunhadas as seguintes expressões linguísticas: (i) respostas satisfatórias e (ii) respostas não satisfatórias. Perante esta realidade, apresentam-se os seguintes critérios de avaliação dos resultados do estudo: (a) quanto ao espaço – o inquirido estará em situação satisfatória se, pelo menos, tiver duas respostas satisfatórias e uma resposta não satisfatória; (b) no que concerne ao tempo – o informante encontrar-se-á na situação referida em (a), se obtiver, pelo menos, duas respostas satisfatórias e duas respostas não satisfatórias.

2.4. Codificação dos dados

A codificação dos dados já recolhidos foi feita da seguinte forma: 1º – atribuição de um código a cada inquirido, ostentando uma sigla, formada aleatoriamente a partir das iniciais do nome do informante, seguida do número de ordem (1 a 48), o número 14, que significa o ano em que foram recolhidos os dados, e a sigla EPCM (Escola Primária Completa de Machoca). Destes elementos decorre o seguinte formato: NII/14/EPCM.

³ **Perguntas de escolha múltipla** são aquelas que consistem em duas partes: o *tronco* e a *lista de alternativas de resposta*. O *tronco* é a parte em que se faz a pergunta, ao passo que a *lista de alternativas* constitui a segunda parte, na qual está a alternativa correcta/verdadeira e as alternativas falsas (Ribeiro).

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo consiste na análise dos dados produzidos, bem como na discussão dos resultados da pesquisa. Assim, estas actividades serão desdobradas em duas secções separadas, conforme se observa abaixo.

1. Análise de Dados

Tendo como objectivo permitir a análise de dados e discussão de resultados, procede-se à classificação dos dados, categorizando-os e tabulando-os. Dito de outra

forma: os dados recolhidos, primeiro serão classificados, e mais tarde agrupados, conforme a população-alvo e, por último, colocados em quadros.

Na concretização do exposto, primeiro, foram codificados os inquéritos, consoante o formato sugerido na subsecção (2.4) do capítulo anterior; em seguida, criaram-se as categorias que se seguem: (i) Resultados Gerais do estudo; (ii) Resultados sobre o nível de conhecimento do espaço e do tempo; e (iii) Resultados por categoria narrativa.

Note-se que a codificação já feita não só facilitou o trabalho da compilação dos respectivos dados, mas também assegurou a confidencialidade da identidade dos informantes (Anexo 3).

2. Discussão de Resultados

Esta secção assenta na discussão dos resultados da pesquisa, actividade que obedecerá aos seguintes momentos: (i) Discussão dos resultados gerais do estudo (quadro 2); (ii) Discussão dos resultados sobre o nível de conhecimento do espaço e do tempo (quadro 3); e (iii) Discussão dos resultados por categoria narrativa (quadro 4).

Os resultados apresentados no quadro 2 reportam-se aos informantes, isto é, nesta fase, a análise baseia-se nas seguintes variáveis: a variável constituída pelas respostas satisfatórias e a variável referente a respostas não satisfatórias.

Antes de se iniciar a discussão de resultados propriamente dita, é importante que se diga que, aos informantes submetidos ao inquérito, solicitava-se que identificassem o *espaço* e o *tempo* em que ocorrem algumas das acções do texto «A menina bonita», sabendo-se que a primeira categoria narrativa, segundo Reis e Lopes, pode ser definida como o lugar onde ocorrem os acontecimentos da história (espaço físico), e considerando os diferentes ambientes sociais e psicológicos. Contudo, as questões do inquérito focalizaram apenas o *espaço físico*, facto que teve que ver com o tipo de texto (breve). Relativamente à segunda categoria, o tempo, Aguiar e Silva e Reis e Lopes defendem que tal categoria tanto pode estar ao nível da diegese, quanto ao do discurso. Diante desta posição, importa referir que o inquérito comportava apenas um tipo de tempo, o da história, na sua variante subjectiva, que é um tempo vivenciado pelas personagens.

Diante deste quadro, pode dizer-se que, de uma forma geral, através do inquérito pretendia-se saber se os informantes eram capazes de localizar as acções das personagens do texto «A menina bonita» espacial e temporalmente.

Retomando o objectivo desta secção, discutir os resultados do estudo, refira-se que, dos 48 inquiridos, 29 apresentaram respostas satisfatórias e os restantes 19, respostas não satisfatórias, correspondendo, desta forma, a 60,4% e 39,6%, respectivamente.

Estes resultados mostram que mais de 59% dos informantes responderam satisfatoriamente ao inquérito, ou seja, esta cifra demonstra o domínio que tais informantes têm das categorias narrativas em análise. Em contrapartida, verifica-se que os mesmos resultados evidenciam que menos de 40% dos auscultados não satisfizeram o exigido no inquérito, quer dizer, não possuem conhecimentos estruturados sobre as categorias em causa.

A informação acima apresentada sintetiza-se no quadro abaixo.

INFORMANTES			
Com respostas satisfatórias		Com respostas não satisfatórias	
Nº	%	Nº	%
29	60,4	19	39,6

Quadro 2 – Resultados Gerais do Estudo

A discussão dos resultados continua e, desta vez, focalizada sobre o nível de conhecimento do *espaço* e do *tempo* com o propósito de se aferir o número dos inquiridos que têm um domínio total das categorias testadas. Assim, dos 48 auscultados, 4 (13,8%) é que tiveram RS em 100% e os outros (44 (91,7%)) responderam satisfatoriamente mas não em 100%.

Esta realidade mostra que os informantes que possuem um domínio total da matéria sobre o *espaço* e o *tempo* situam-se abaixo de 14%. Veja-se o quadro 3.

INFORMANTES			
Com 100% de respostas satisfatórias		Com respostas satisfatórias abaixo de 100%	
Nº	%	Nº	%
4	13,8	25	86,2

Quadro 3 – Resultados sobre o nível de conhecimento do *espaço* e do *tempo*

Após a discussão dos resultados baseada no nível de conhecimento das categorias testadas, transita-se para a discussão assente nos resultados por categorias narrativas, com o intuito de determinar a categoria mais conhecida pelos informantes. Para tal, é bom que se diga que estes resultados baseiam-se no número total das respostas dadas pelos

informantes: o *espaço* possui 3 perguntas e o *tempo*, 4, totalizando 7, portanto, cada informante apresentará 7 respostas, o que quer dizer que os 48 inquiridos apresentarão 336 respostas ($48 \times 7 = 336$). Assim, começando pelo *espaço*, os resultados mostram que, 88 respostas satisfatórias pertencem ao *espaço* e 136, ao *tempo*, correspondendo, respectivamente, a 26,2% e a 40,5%. Estes dados atestam que o *tempo* é a categoria com mais respostas satisfatórias.

O quadro acima esboçado permite perceber que o domínio das duas categorias narrativas (isoladamente), por parte dos inquiridos, se situa abaixo de 50%, contudo, o *tempo* é a categoria que sobressai com pouco mais de 40%.

A informação acima arrolada é sintetizada no quadro abaixo.

TIPO DE CATEGORIA NARRATIVA	RESPOSTAS									
	Satisfatórias (RS)				Não satisfatórias (RNS)				Total geral	
	Subtotal 1		Total 1		Subtotal 2		Total 2			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Espaço	88	26,2	224	66,7	56	16,6	112	33,3	336	100
Tempo	136	40,5			56	16,6				

Quadro 4 – Resultados por categoria narrativa

Conforme se pode depreender, a discussão dos resultados do estudo foi feita a três níveis, a saber:

- Discussão baseada nos resultados gerais, em que se pretendia aferir o pulsar dos informantes quanto ao conhecimento que possuem sobre o *espaço* e o *tempo* das narrativa de tradição oral, tendo-se concluído que mais de 59% deles responderam satisfatoriamente, o que mostra que uma parte significativa dessa população sabe proceder à localização espaço-temporal das acções das personagens.
- Discussão baseada nos resultados relacionados com o nível de conhecimento do *espaço* e do *tempo*, cujo objectivo consistia em apurar o número de informantes que responderam satisfatoriamente a todas as questões. A respeito desta pretensão, verificou-se que pouco mais de 13% dos inquiridos responderam a todas as questões, o que permite dizer que os informantes representados por essa percentagem têm um domínio estruturado das categorias testadas.
- Discussão baseada nos resultados por categoria, com a intenção de identificar a categoria mais dominada pelos informantes. Neste item, os resultados mostram que a tendência é para os informantes dominarem mais o *tempo*.

Diante deste quadro, conclui-se que mais de metade dos inquiridos é capaz de proceder à localização espaço-temporal das acções das personagens das narrativas de tradição oral, contudo, o facto de apenas 4 dos 29 informantes que apresentaram resposta satisfatória terem respondido a todas as questões constitui uma preocupação, o que leva a que se realize o objectivo de fornecer exercícios que ajudem os alunos da 7ª classe da Escola Primária Completa de Machoca a superarem as suas dificuldades na identificação das marcas de *espaço* e *tempo*, que são elementos que permitem fazer a localização espaço-temporal das acções das personagens.

CAPÍTULO V – ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM

Este capítulo está reservado aos exercícios que ajudarão os alunos não só a superarem as suas dificuldades inerentes à localização espaço-temporal das acções das personagens em narrativas de tradição oral, mas também a estruturarem os seus conhecimentos sobre a mesma temática. Estes exercícios passam a chamar-se ‘Actividades de aprendizagem’, na medida em que a sua função é formativa.

As actividades a serem apresentadas neste capítulo assentarão no conto «As habilidades do mestre Coelho», de Matos (1993), e serão constituídas por perguntas exclusivamente vinculadas ao *espaço* e *tempo* e, nos casos em que elas se referirem a outras categorias narrativas, será apenas para facilitar a sua compreensão.

ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM BASEADAS NO TEXTO ‘AS HABILIDADES DO MESTRE COELHO’

Após teres lido o texto ‘As habilidades do mestre Coelho’, responde às perguntas que te são colocadas.

1. Do primeiro parágrafo do texto já lido, extrai as marcas das seguintes categorias narrativas:

- a) Espaço (5 elementos).
- b) Tempo (3 elementos).

2. Das frases que se seguem, assinala com X aquelas que apenas contêm marcas de *espaço*.

- a) Repara nesses teus dentes, sempre arrepiados, sempre a chanfurar na imundície. [...]
- b) Meteu-se em passeio pela floresta fora. [...]
- c) Ó meu amigo javali, saíste-me um bicho muito feio. [...]
- d) Vai deparar com um velho javali, o qual se deleitava todo a esfocinhar na lama imunda de um charco. [...]
- e) Quem te anunciou a tamanhos atrevimentos? [...]
- f) Então o porco estacionado na outra banda, mascou, olhos injectados de cólera. [...]
- g) O travesso do coelho voltou, por uma terceira vez, a espaiar na margem de lado do rio. [...]
- h) Não fujas, meu grande patifório! Espera um pouco para ajustarmos contas. [...]
- i) Chegou-se um pouco para a boca do esconderijo e, pondo ambas as mãos de encontro à pedra inclinada e fingindo que a segurava, começou a gritar desesperadamente. [...]
- j) Vós os lobos, vinde aqui ... deitar a mão a esta pedra que está mesmo a cair. [...]
- l) Um deles então exclamou: - mas que estamos todos aqui fazer?! [...]
- m) Toda radiante com a fortuna que assim lhe viera quase cair aos pés, passou o filho das costas para os braços e deitou-o no chão, todo embrulhinho, ali mesmo ao lado do morro. [...]

3. Completa as seguintes frases com marcas temporais existentes no texto em análise:

- a) _____ o javali pensava alcançar o fanfarrão do coelho, ficou desapontado ao vê-lo, _____, passar para a outra margem, no seu aparelho volante, rindo a bandeiras despregadas.
- b) _____, o coelho voltou a rondar aquela margem e encontrou um macaquinho abraçado a um tronco, rilhando um fruto verde. E _____ começou o coelho, engelhando o beijo malicioso.
- c) Escuta lá meu grande maroto... _____ eu te apanhar a jeito, tu mais pagarás.
- d) O coelho _____, foi se meter num buraco que ficava por baixo duma grande pedra inclinada.
- e) _____ lewares-me a mim, não queria, por engano, levar a enxada do dono desta casa.
- f) O lobo largou _____ a perna do coelho.
- g) Ó menino, toma cuidado, se não quiseres levar a enxada do dono da casa, não vais _____ levar o seu saco de feijão.
- h) Logo _____, sentindo-se o folgazão do coelho apertado pela fome... escogitou um novo ardil para se desembaraçar dos seus contumazes perseguidores.
- i) Retiraram todas as mãos e, como a pedra ficasse sem bulir, só _____ advertiram que tinham sido ludibriados pelo coelho matreiro.
- j) A mulher correu _____ para o morro e quedou-se a olhar, a sondar bem os seus interiores e descobriu que o coelho estava ali perto.

4. Assinala com X as frases que, ao mesmo tempo, possuem marcas de *espaço* e *tempo*.

- a) O coelho tinha constituído a sua cubata junto do rio Malema. [...]
- b) Quando, pois, desarmava-o e a árvore retomava a sua posição vertical, levando-o para o lado oposto, acavaletado nos ramos. [...]
- c) E avançou para o coelho, que logo se pôs em fuga para o local do rio, onde havia montado o seu engenho. [...]
- d) Retiraram todas as mãos e, como a pedra ficasse sem bulir, só nesse momento advertiram que tinham sido ludibriados pelo coelho matreiro. [...]
- e) Um dia, o coelho passou assim para a margem além apoiado da sua bengala. [...]
- f) Pôs-se logo do outro lado. Gritou-lhe o macaquinho, na sua voz aflautada. [...]

- g) O coelho depois de muito correr, foi se meter num buraco que ficava por baixo duma grande pedra inclinada. [...]
- h) Logo no dia seguinte, sentindo-se o folgazão do coelho apertado pela fome... escogitou um novo ardil para se desembaraçar dos seus contumazes perseguidores. [...]
- i) A mulher correu imediatamente para o morro e ficou-se a olhar, a sondar bem os seus interiores e descobriu que o coelho estava ali perto. [...]
- j) Nesse mesmo tempo, saiu o coelho cá fora, pegou na criança, meteu-a no buraco onde ele mesmo se refugiara [...]
- l) A criança morreu dentro de pouco tempo. Quando, pois se fez silêncio, a mulher introduziu a mão no buraco e tirou para fora não o coelho, mas o seu próprio filho. [...]

CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

1. Conclusões

Com este estudo, pretendia-se valorizar o *espaço* e o *tempo* nas aulas de Português ao serem abordadas as narrativas de tradição oral com os alunos da 7ª classe da EPCM, pretensão que seria concretizada através da concepção de *actividades de aprendizagem* capazes de levar esses alunos a superarem as suas dificuldades na identificação das marcas espaço-temporais. Chegar-se-ia a tais actividades se os resultados da pesquisa assim o

indicassem. Veja-se: os resultados ora mencionados mostram que, conforme se disse anteriormente, mais de 50% dos alunos são capazes de identificar as marcas espaço-temporais em narrativas de tradição oral, contudo, o número de informantes que demonstram um domínio total da matéria é bastante preocupante (abaixo de 14%), o que faz pensar que há necessidade de se redobrar o esforço de modo a que essa situação mude significativamente.

Desta forma, passa-se para a fase de valorização do *espaço* e *tempo* nas aulas de Português, proporcionando mais tempo para a manipulação dos dois tipos de categorias narrativas.

Para efeitos deste estudo, essa valorização realiza-se por meio dos exercícios sugeridos no capítulo anterior.

Chegado a este ponto, torna-se necessário dizer que o estudo teve limitações que o afectaram significativamente, de entre as quais se destaca aquela que se prende com a *escassez de acervo bibliográfico* para não só a concretização do quadro teórico desta pesquisa, mas também a localização de estudos ligados ao tema desenvolvido, o que permitiria fazer comparações. Contudo, pensa-se que tais limitações não vão fazer com que as actividades propostas no capítulo 5 não sirvam para auxiliar o trabalho do professor de Português do ensino básico (e até do secundário), bem como do próprio aluno, já que essas actividades comportam uma parte que lhe permitirá proceder à sua auto-avaliação.

2. Recomendações

As várias considerações apresentadas ao longo desta pesquisa não impedem que se diga que os exercícios sugeridos não são um modelo único. Assim, sugere-se que se concebam mais actividades que tenham em vista tirar da situação em que o aluno actual se encontra – um dos desafios tanto do professor quanto do aluno chama-se MATERIAL INSTRUCIONAL ADEQUADO E DIVERSIFICADO.

BIBLIOGRAFIA

AfriMAP, e Open Society Initiative for Southern Africa. *Moçambique: a prestação efectiva de serviços públicos no sector da educação*. Joanesburgo: Open Society, 2012.

<http://www.afriMAP.org/english/images/report/AfriMAP_Mocambique_Educ_main_PT.pdf>

- Aguiar e Silva, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- Carmo, Hermano. Visão panorâmica. In: Carmo, Hermano.; Ferreira, Manuela. Malheiro. **Metodologia da investigação**: guia para auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. cap. 1, p. 29-167.
- Couto, Regiani Leal Dalla Martha. *Narrativas orais de experiência pessoal: um enfoque laboviano*. Tese de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia.
- Manuela Malheiro,. Aprofundamento temático. In: Carmo, Hermano.; Ferreira, Manuela. Malheiro. **Metodologia da investigação**: guia para auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. cap. 2, p. 168-281.
- Freixo, Manuel João Vaz. *Metodologia científica: fundamentos metodológicos*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.
- Gancho, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- Guerra, João da Fonseca, e Vieira, José A. Da Silva. *Português, Língua e Linguagens, 8º Ano da Escolaridade*. Porto: Porto Editora, 1990.
- Hartmann, Luciana."Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai." *Porto Alegre* 24 (2005): 125-153.
- Koll, Marta de Oliveira. *Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2010. <http://www.birigui.sp.gov.br/educacao/site/admin/arquivos/texto_marta_koll.pdf>.
- Larsen-Freeman, D., e Long, M. H. *An introduction to second language acquisition research*. London: Longman, 1991.
- Leite, Ana Mafalda. *Oralidade e escritas nas escritas e literaturas africana*. n. p.: Colibri, 1990.
- Matos, Alexandre Valente. *Aventuras de coelho matreiro*. Lisboa: Editorial Missões Cucujães, 1981.
- . *A voz da Selva*, Lisboa: Editorial Missões Cucujães, 1993.
- Mosse, Moisés, e Cortez, Ernesto. *A pequena corrupção no sector da educação em Moçambique*. Maputo: Centro de Integridade Pública de Moçambique, 2006. <http://www.cip.org.mz/cipdoc%5C43_A%20pequena%20Corrup%C3%A7%C3%A3o%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Muhate et al., Simão. *Regras de comunicação: Língua portuguesa – 7ª classe*. Maputo: Longman, 2004.
- Reis, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1997.
- Reis, Carlos, e Lopes, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2007.
- Ribeiro, Lucie Carrilho. *Avaliação da aprendizagem*. 7ª ed. Lisboa: Texto Editora, 1999.
- Rodrigues, Filomena. O tempo é o eterno construtor de antigamente: Aspectos do tempo em três romances de Mia Couto. In Chaves Rita, Macêdo, Tânia (Orgs.). **Mia Couto, o desejo de contar e de inventar**. Maputo: Ndjina, 2010.p.189-220

- Rosário, Lourenço Joaquim da C. *A narrativa africana de expressão oral: Transcrita em português*. Luanda: Angolê, 1989.
- Schechner, Richard. O que é performance? New York & London: Routledge, 2006.
<http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCH ECHNER.pdf>
- Schipper, Mineke. *A literatura oral e a oralidade escrita*. In Queiroz, Sônia. *Tradição oral* (Org.) (10-24). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.
<<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/tradicaooral-site.pdf>>
- Silva, Denise Guerreiro da, e Trentini, Mercedes. "Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem." *Rev Latino-am Enfermagem* 10 (2002): 423-432.
<<http://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/1675/1720>>

ANEXOS

ANEXO 1 – Inquérito

Fornece os dados seguintes:

- (1) Nome do aluno: _____.
- (2) Classe: _____. (3) Idade: _____ anos. (4) Sexo: M F
- (5) Língua Materna: _____. (6) Língua que fala com os familiares (pai, mãe, irmãos, tios, avós e outros): _____.
- (7) Língua que fala com os amigos: _____.
- (8) Local de aprendizagem da língua portuguesa: a) em casa b) na escola

Assinala com (X) a opção verdadeira em cada uma das perguntas seguintes. Cada pergunta tem <u>apenas uma resposta correcta</u>.
--

1. As expressões que nos permitem identificar a zona donde vinham os pretendentes da menina bonita são:

- A. A casa dos futuros sogros e dos restantes familiares do noivo.
- B. Quando lá chegaram tudo mudou totalmente.
- C. Daquela povoação e das povoações vizinhas.

2. Quando os familiares do Quizumbo chegaram era:

- A. à noite. B. meia-noite. C. numa manhã.

3. Os animais de caça vistos pela noiva encontravam-se:

- A. no quintal da casa onde ela dormia. B. no quintal da casa vizinha.
- C. no quintal da casa do amigo dos futuros sogros.

4. O rapaz mandou que a irmã carregasse a arca:

- A. Quando chegou a hora marcada pelos animais. B. No dia seguinte.
- C. Na altura em que os Quizumbos iam deitar a mão à arca.

5. A família Quizumbo estabeleceu o período de:

- A. Um dia para comer os visitantes. B. Três semanas para comer os visitantes.
- C. Um mês para comer os visitantes.

6. A frase que contém o tempo e o espaço em que se realiza uma das acções da história que leste é:

- A. Amanhã vai ser uma grande festa. B. No dia seguinte, a rapariga só chorava.
- C. Em todas as manhãs encontrava, no quintal, muitos animais mortos.

Muito obrigada pela colaboração!

ANEXO 2 – Texto «A Menina Bonita»⁴

Naquela povoação nunca tinha aparecido uma menina tão bonita. Todos os rapazes **daquela povoação e das povoações vizinhas** (1) que a conheciam tentaram, em vão, casar com ela. A todos, ela dizia que não e acrescentava: “Nenhum dos que me apareceu vale alguma coisa.” “Ainda não apareceu aquele a quem hei-de gostar”.

Um dia (1), o Quizumbo (parente da hiena) que tinha ouvido falar na rapariga resolveu pôr-se bonito: “vou pôr um casaco, bons sapatos e os meus óculos”.

A rapariga logo que viu aquele rapaz achou-o bonito e foi ter com a mãe “olha mãe, é aquele rapaz bonito de que eu gosto, vou aceitá-lo como marido; “a mãe nada disse”.

Tudo foi tratado dentro da normalidade e segundo os costumes, chegou a vez de a rapariga como noiva ir visitar a casa dos futuros sogros e lá passar uma temporada. E segundo os costumes, também a rapariga levou o irmão mais novo.

Quando lá chegaram, a rapariga espantada pois não viu ninguém da família do marido. Perguntou: “Ó marido, onde estão os meus futuros sogros?” O noivo respondeu: “esperas que logo verás”!

A rapariga não correspondeu. O Quizumbo estava a referir-se ao projecto que tinha de vir a devorar a rapariga. Ela não fez mais perguntas. À noite como estava cansada, adormeceu logo. O irmão porém, ficou preocupado e resolveu desvendar aquele mistério. Era **meia-noite** (2), chegaram os familiares do Quizumbo. E começaram logo a discutir. “Ela está bem gordinha porque engorda-la mais?” Dizia a mãe do Quizumbo. “Sim vamos devorá-la” concordavam os outros.

Mas o noivo opôs-se com força à pretensão dos familiares e propôs **um prazo de três semanas** (3). “Além disso, ela não pode fugir daqui sem que seja apanhada”. No dia seguinte a rapariga acordou bem-disposta e ficou radiante por ver uma série de animais de caça mortos, **no quintal** (2). Arrependeu-se de ter pensado mal do noivo e mostrou ao irmão dizendo: “Estás a ver como o meu marido é bom?” Mas o rapaz respondeu: “Tu é que não sabes o que se passa. Eu vi com os meus próprios olhos, não te iludas, os familiares do teu marido não passam de bichos selvagens que querem devorar-nos”

A irmã ficou muito intrigada com aquelas revelações. Não acreditou e ameaçou mandá-lo embora de volta. “O que tu queres é desfazer o meu casamento com intrigas, se

⁴ As marcas espaço-temporais identificadas ao longo deste texto foram incorporadas no inquérito usado para recolher os dados que suportam a presente pesquisa.

voltar a repetir o que disseste mando-te para casa o mais depressa possível”. O irmão viu que não podia insistir e calou-se.

Passaram duas semanas e sempre que perguntava pelos sogros, o noivo respondia: “não falta muito e verás”.

Em todas as manhãs (4) encontrava, **no quintal** (3), muitos animais mortos. Entretanto, o irmão da rapariga vendo que não conseguia convencer a irmã, foi construindo uma arca com as peles dos animais. Sempre que esfolava um animal, ele ficava com a pele, com a qual construía uma arca.

Passaram-se as três semanas. Na espera do dia aprazado, o rapaz atou um fio ao polegar da irmã que, entretanto, dormia a sono solto. Logo que os bichos entraram, o irmão puxou o fio e a irmã acordou, ficou, porém, petrificada ao ver os bichos e ouvir o que diziam.

“Ah! Ah! Já não eram sem tempo, estão mesmo gordinhos. Amanhã vai ser uma grande festa”. No dia seguinte, a rapariga só chorava. Não tinha qualquer hipótese de fuga. A casa dos pais estava bem longe e seriam facilmente alcançados se tentassem fugir.

De nada servia pedir desculpas ao irmão, pois o caso estava perdido. Este fingia que estava muito aflito. Quando chegou a hora marcada pelos animais para a festa, o rapaz mandou que a irmã carregasse a arca com todas as coisas que possuíam, bem como muitas provisões.

Depois entraram e, na altura em que as Quizumbas iam deitar a mão à arca, ele ordenou-a que levantasse voo, o que aconteceu. Os bichos estavam desesperados e lamentaram o tempo que perderam na engorda dos dois irmãos.

Matos (1981)

ANEXO 3 – Resultados Gerais do Estudo por Informante

CÓDIGO DO INFORMANTE	RESPOSTAS											
	Satisfatórias (RS)				Não satisfatórias (RNS)				Total			
	Espaço (3)		Tempo (4)		Espaço (3)		Tempo (4)		S		NS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
AC1/14/EPCM	1	14,3	4	57,1	2	28,6	0	0,0	5	71,4	2	28,6
AD2/14/EPCM	3	42,9	2	28,6	0	0,0	2	28,6	5	71,4	2	28,6
AF3/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	3	42,9	2	28,6
AJ4/14/EPCM	0	0,0	3	42,9	3	42,9	1	14,3	3	42,9	4	57,1
AL5/14/EPCM	2	28,6	2	28,6	1	14,3	2	28,6	4	57,1	3	42,9
AN6/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
AO7/14/EPCM	2	28,6	1	14,3	1	14,3	3	42,9	3	42,9	4	57,1
AR8/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
AS9/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
AT10/14/EPCM	3	42,9	2	28,6	0	0,0	2	28,6	5	71,4	2	28,6
BA11/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
BF12/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
BL13/14/EPCM	2	28,6	4	57,1	1	14,3	0	0,0	6	85,7	1	14,3
BP14/14/EPCM	1	14,3	3	42,9	2	28,6	1	14,3	4	57,1	3	42,9
CK15/14/EPCM	1	14,3	2	28,6	2	28,6	2	28,6	3	42,9	4	57,1
DJ16/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
DL17/14/EPCM	1	14,3	1	14,3	2	28,6	3	42,9	2	28,6	5	71,4
DS18/14/EPCM	3	42,9	4	57,1	0	0,0	0	0,0	7	100	0	0,0
EA19/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
FJ20/14/EPCM	2	28,6	1	14,3	1	14,3	3	42,9	3	42,9	4	57,1
FR21/14/EPCM	1	14,3	2	28,6	2	28,6	2	28,6	3	42,9	4	57,1
FS22/14/EPCM	1	14,3	4	57,1	2	28,6	0	0,0	5	71,4	2	28,6
GA23/14/EPCM	3	42,9	4	57,1	0	0,0	0	0,0	7	100	0	0,0
HM24/14/EPCM	0	0,0	3	42,9	3	42,9	1	14,3	3	42,9	4	57,1
HP25/14/EPCM	3	42,9	4	57,1	0	0,0	0	0,0	7	100	0	0,0
IB26/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
IC27/14/EPCM	1	14,3	2	28,6	2	28,6	2	28,6	3	42,9	4	57,1
IE28/14/EPCM	1	14,3	3	42,9	2	28,6	1	14,3	4	57,1	3	42,9
JF29/14/EPCM	2	28,6	4	57,1	1	14,3	0	0,0	6	85,7	1	14,3
LB30/14/EPCM	1	14,3	3	42,9	2	28,6	1	14,3	4	57,1	3	42,9
LG31/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
MA32/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
MB33/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
MC34/14/EPCM	3	42,9	4	57,1	0	0,0	0	0,0	7	100	0	0,0
MH35/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
MJ36/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3
OL37/14/EPCM	0	0,0	1	14,3	3	42,9	3	42,9	1	14,3	6	85,7
PA38/14/EPCM	1	14,3	2	28,6	2	28,6	2	28,6	3	42,9	4	57,1
PO39/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
RN40/14/EPCM	1	14,3	4	57,1	2	28,6	0	0,0	5	71,4	2	28,6
RZ41/14/EPCM	2	28,6	3	42,9	1	14,3	1	14,3	5	71,4	2	28,6
SA42/14/EPCM	2	28,6	2	28,6	1	14,3	2	28,6	4	57,1	3	42,9
SE43/14/EPCM	0	0,0	2	28,6	3	42,9	2	28,6	2	28,6	5	71,4
SF44/14/EPCM	2	28,6	2	28,6	1	14,3	2	28,6	4	57,1	3	42,9
SM45/14/EPCM	2	28,6	4	57,1	1	14,3	0	0,0	6	85,7	1	14,3
SN46/14/EPCM	0	0,0	2	28,6	3	42,9	2	28,6	2	28,6	5	71,4
SR47/14/EPCM	1	14,3	3	42,9	2	28,6	1	14,3	4	57,1	3	42,9
ST48/14/EPCM	3	42,9	3	42,9	0	0,0	1	14,3	6	85,7	1	14,3

ANEXO 4 – Texto «As Habilidades do Mestre Coelho»

O coelho tinha constituído a sua cubata junto do rio Malema. Para poder passar para a outra margem e, depois, voltar a sua casa, escogitou um engenho maravilhoso, o qual funcionava à maneira de uma armadilha de laço, com uma segurança admirável. Das duas margens fez vergar para a margem oposta uma árvore a toda a largura do rio. Quando, pois, desarmava-o e a árvore retomava a sua posição vertical, levando-o para o lado oposto, acavaletado nos ramos. Depois, era só deixar-se escorregar pelo tronco abaixo, operação que ele fazia com rapidez do mais hábil saltimbanco. Um dia, o coelho passou assim para a margem além apoiado da sua bengala, meteu-se em passeio pela floresta fora. Eis quando vai deparar com um velho javali, o qual se deleitava todo a esfocinhar na lama imunda de um charco. Sem mais estas nem aquelas, saltou de pronto o coelho a fazer pouco do porco:

— Ó meu velho javali, saíste-me um bicho muito feio... repara nesse teu focinho comprido e aguçado... repara nesses teus dentes saídos... nesses teus pelos sempre arrepiados... e, depois, sempre a chanfurar na imundície...

Vai o porco, fita as orelhas, fixa o coelho e resmunga:

— Ah! Meu malcriado! Quem te autorizou a tamanhos atrevimentos? Espera, que já te faço as caridades...

E avançou para o coelho, que logo se pôs em fuga para o local do rio, onde havia montado o seu engenho.

Quando o javali pensava alcançar o fanfarrão do coelho, ficou desapontado ao vê-lo, num instante, passar para a outra margem, no seu aparelho volante, rindo a bandeiras despregadas...

Então o porco estacionado na outra banda, mascou, olhos injectados de cólera: não voltas a pisar margem de cá, há? Cá ficam todas guardadas...

Noutro dia, o coelho voltou a rondar aquela margem e encontrou um macaquinho abraçado a um tronco, rilhando um fruto verde. E logo começou o coelho, engelhando o beicho malicioso: ora também tu, meu macaquinho!

— Tu não gingas mesmo nada! Passas o tempo em cabriolas de árvore em árvore... e depois esse teu rabo recurvado e... desengraçadíssimo como desengraçadíssimas são as tuas calosidades nádegas...

E acrescentou:

— Eu gingo... eu folgo... eu tenho a carinha redonda, os olhos vivos e duas orelhinhas que são um primor de elegância...

Replicou-lhe o macaquinho, abespinhado.

— Ai isso vai assim? Espera um pouco... e dando um pincho para o chão, deitou-se a correr atrás do coelho. O coelho tornou pelo caminho, enfiou o beíço e zás!.. Pôs-se logo do outro lado. Gritou-lhe o macaquinho, na sua voz aflautada:

— Escuta lá meu grande maroto... quando eu te apanhar a jeito, tu mais pagarás...

Passados tempos, o travesso do coelho voltou, por uma terceira vez, a espairecer na margem de lado do rio e foi dar de cara com o lobo a uivar, chamando pelos seus irmãos, estancando na sua marcha, entrou de falar o coelho e disse:

— És um grande paspalhão, ó lobo! Porque estás para aí a gritar com tanta força? Fazes uma barulheira tal que até incomodas transeuntes...

E, sem mais uma palavra, o coelho deu de fugir enquanto as pernas davam, sabia com que se tinha metido

Replicou-lhe então o lobo:

— Não fujas, meu grande patifório! Espera um pouco para ajustarmos contas — nisto chegaram assoados, os lobos seus irmãos e, a um sinal seu, todos arremeteram contra o coelho atrevido.

Acosado pela matilha raivosa, depressa o coelho atingiu o rio e, valendo-se mais uma vez do seu prestimoso engenho, viu-se repentinamente; transportando a banda de lá. Mas os lobos não se ficaram a ver navios... atiraram-se à água e, nadando para a margem oposta, continuaram a perseguir, “com aquela ousadia dos lobos com que não contava”. O coelho depois de muito correr, foi se meter num buraco que ficava por baixo duma grande pedra inclinada.

— Ó menino, vê lá o que fazes! Quando lewares-me a mim, não queria, por engano, levar a enxada do dono desta casa... o lobo largou imediatamente a perna do coelho. Continuou, depois, a tactear e apanhou o coelho pela barriga.

Tornou-lhe novamente o coelho.

— Ó menino, toma cuidado, se não quiseres levar a enxada do dono da casa, não vais agora levar o seu saco de feijão...

Vendo o lobo que não atinava com o coelho, mas que só apanhava as coisas do dono daquele buraco, tirou de vez a mão e recomendou aos seus irmãos que ficassem todos ali de plantão para obrigar o meliante a morrer à fome.

Logo no dia seguinte, sentindo-se o folgazão do coelho apertado pela fome... escogitou um novo ardil para se desembaraçar dos seus contumazes perseguidores. Chegou-se um pouco para a boca do esconderijo e, pondo ambas as mãos de encontro à pedra inclinada e fingindo que a segurava, começou a gritar desesperadamente.

— Quem acode!... Quem acode!...

E acrescentou:

— Vós os lobos, vinde aqui depressa deitar a mão a esta pedra que está mesmo a cair... Ai ai!...

Os lobos acorreram todos de pronto e puseram-se a segurar a pedra com quantas forças tinham. Entretanto, o coelho, aproveitando-se da confusão que provocara, ordenou:

— Passai-me depressa um machado para as mãos, que tenho de ir pôr um tronco para segurar a pedra! E abalando para junto de uma árvore, apontou-lhe o machado, mas disse, mirando-a de alto a baixo:

— Oh! É torta... não serve! Correu para uma outra mais adiante e exclamou: oh! Que pena! É muito grossa!... e assim de árvore em árvore, e andando cada vez mais para o largo, o ladino do coelho acabou por desaparecer nos matagais cerrados com o machado aos ombros.

Os lobos esperaram, esperaram... e não havia meio de o coelho voltar com o malfadado tronco. Um deles então exclamou: - mas que estamos todos aqui fazer?!... a casa não é nossa... se a pedra tombar, tombou mesmo...

Retiraram todas as mãos e, como a pedra ficasse sem bulir, só nesse momento advertiram que tinham sido ludibriados pelo coelho matreiro. O coelho continuou caminho, muito descansado da sua vida, e foi dar a um morro de Michelin, que estava junto de uma casa. Examinou bem as galerias de morro e resolveu instalar ali a sua nova morada sentou-se à porta, olhando a roda como a descortinar os horizontes, e viu uma mulher que saía da casa vizinha com o filhinho às costas.

Propositadamente, deixou-se ficar assim para a mulher o poder ver. Quando, pois, percebeu que a mulher o divisara, o espertalhão deu um alegre saltinho e meteu-se para o seu esconderijo. A mulher correu imediatamente para o morro e ficou-se a olhar, a sondar bem os seus interiores e descobriu que o coelho estava ali perto.

Toda radiante com a fortuna que assim lhe viera quase cair aos pés, passou o filho das costas para os braços e deitou-o no chão, todo embrulhinho, ali mesmo ao lado do

morro. E abalou para casa buscar um feixe de capim aceso para asfixiar o coelho pelo fumo.

Nesse mesmo tempo, saiu o coelho cá fora, pegou na criança, meteu-a no buraco onde ele mesmo se refugiara e correu, depois, a embrulhar-se no pano da própria criança. Daí a pouco, chegou a mulher e, de nada suspeitando começou a acender o fogo à entrada do buraco.

A criança começou a chorar, mas a mãe supondo sempre que era o coelho, exclamou gaudiosa:

— Ai, já choras? Então vais morrer depressa... e continuou a soprar no fogo com mais forças ainda. A criança morreu dentro de pouco tempo. Quando, pois se fez silêncio, a mulher introduziu a mão no buraco e tirou para fora não o coelho, mas o seu próprio filho...

Horrorizada com a visão macabra do seu filho morto, a pobre deitou alucinadamente, as mãos ao pano em que, momentos antes, embrulhara, e viu-se escapar-se o coelho em saltinhos muito joviais e disse lhe o coelho maroto, parando à distância:

— Querias matar-me, não é verdade? Ai, tens tu a paga, pois que mataste o teu próprio filho. E fica sabendo que ninguém pode fazer mal ao coelho, porque ele é o régulo da terra...

Matos (1993: 72-79)

ANEXO 5 – Guia de Correção das Actividades de Aprendizagem

1. Extracção das marcas das seguintes categorias narrativas:

- a) Espaço (5 elementos): (i) junto do rio Malema; (ii) nos ramos; (iii) pela floresta fora; (iv) na lama imunda de um charco; e (v) a toda a largura do rio⁵.
- b) Tempo (3 elementos): (i) depois (ocorre duas vezes no primeiro parágrafo); (ii) um dia; e quando (também ocorre duas vezes).

2. Identificação das frases que contêm marcas de *espaço*:

- a) Repara nesses teus dentes, sempre arrepiados, sempre a chanfurar na imundície. [X]
- b) Meteu-se em passeio pela floresta fora. [X]

⁵ Outras alternativas: a outra margem, a sua casa, duas margens, a margem oposta e o lado oposto.

- c) Ó meu amigo javali, saíste-me um bicho muito feio. [...]
- d) Vai deparar com um velho javali, o qual se deleitava todo a esfocinhar na lama imunda de um charco. [X]
- e) Quem te anunciou a tamanhos atrevimentos? [...]
- f) Então o porco estacionado na outra banda, mascou, olhos injectados de cólera. [X]
- g) O travesso do coelho voltou, por uma terceira vez, a espairecer na margem de lado do rio. [X]
- h) Não fujas, meu grande patifório! Espera um pouco para ajustarmos contas. [...]
- i) Chegou-se um pouco para a boca do esconderijo e, pondo ambas as mãos de encontro à pedra inclinada e fingindo que a segurava, começou a gritar desesperadamente. [X]
- j) Vós os lobos, vinde aqui ... deitar a mão a esta pedra que está mesmo a cair. [X]
- l) Um deles então exclamou: - mas que estamos todos aqui fazer?! [X]
- m) Toda radiante com a fortuna que assim lhe viera quase cair aos pés, passou o filho das costas para os braços e deitou-o no chão, todo embrulhinho, ali mesmo ao lado do morro. [X]

3. Preenchimento de espaços em branco com marcas temporais (existentes no texto em análise):

- a) **Quando** o javali pensava alcançar o fanfarrão do coelho, ficou desapontado ao vê-lo, **num instante**, passar para a outra margem, no seu aparelho volante, rindo a bandeiras despregadas.
- b) **Noutro dia**, o coelho voltou a rondar aquela margem e encontrou um macaquinho abraçado a um tronco, rilhando um fruto verde. E **logo** começou o coelho, engelhando o beijo malicioso.
- c) Escuta lá meu grande maroto... **quando** eu te apanhar a jeito, tu mais pagarás.
- d) O coelho **depois de muito correr**, foi se meter num buraco que ficava por baixo duma grande pedra inclinada.
- e) **Quando** lewares-me a mim, não queria, por engano, levar a enxada do dono desta casa.
- f) O lobo largou **imediatamente** a perna do coelho.
- g) Ó menino, toma cuidado, se não quiseres levar a enxada do dono da casa, não vais **agora** levar o seu saco de feijão.
- h) Logo **no dia seguinte**, sentindo-se o folgazão do coelho apertado pela fome... escogitou um novo ardil para se desembaraçar dos seus contumazes perseguidores.

- i) Retiraram todas as mãos e, como a pedra ficasse sem bulir, só **nesse momento** advertiram que tinham sido ludibriados pelo coelho matreiro.
- j) A mulher correu **imediatamente** para o morro e ficou-se a olhar, a sondar bem os seus interiores e descobriu que o coelho estava ali perto.

4. Identificação, através de um X, das frases que, ao mesmo tempo, possuem marcas de espaço e tempo.

- a) O coelho tinha constituído a sua cubata junto do rio Malema. [...]
- b) Quando, pois, desarmava-o e a árvore retomava a sua posição vertical, levando-o para o lado oposto, acavaletado nos ramos. [X]
- c) E avançou para o coelho, que logo se pôs em fuga para o local do rio, onde havia montado o seu engenho. [X]
- d) Retiraram todas as mãos e, como a pedra ficasse sem bulir, só nesse momento advertiram que tinham sido ludibriados pelo coelho matreiro. [...]
- e) Um dia, o coelho passou assim para a margem além apoiado da sua bengala. [X]
- f) Pôs-se logo do outro lado. Gritou-lhe o macaquinho, na sua voz aflautada. [X]
- g) O coelho depois de muito correr, foi se meter num buraco que ficava por baixo duma grande pedra inclinada. [X]
- h) Logo no dia seguinte, sentindo-se o folgazão do coelho apertado pela fome... escogitou um novo ardil para se desembaraçar dos seus contumazes perseguidores. [...]
- i) A mulher correu imediatamente para o morro e ficou-se a olhar, a sondar bem os seus interiores e descobriu que o coelho estava ali perto. [X]
- j) Nesse mesmo tempo, saiu o coelho cá fora, pegou na criança, meteu-a no buraco onde ele mesmo se refugiara [X]
- l) A criança morreu dentro de pouco tempo. Quando, pois se fez silêncio, a mulher introduziu a mão no buraco e tirou para fora não o coelho, mas o seu próprio filho. [X]